Mesa Temática

APRENDIZAGENS MATEMÁTICA DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS

Carla Cristina Pompeu[1]
Priscila Ribeiro dos Santos[2]

O I Simpósio Brasileiro de Educação Matemática com Pessoas Jovens Adultas e Idosas promoveu encontros entre docentes e estudantes da EJA, pesquisadoras e pesquisadores de universidades públicas e discentes de graduação. Parte da programação foi desenvolvida no CIEJA Perus I, Centro Integrado do município de São Paulo voltado para a educação com pessoas jovens, adultas e idosas, e foi lá que aconteceu a maior participação de educandas e educandos da EJA nas atividades do Simpósio. Entre as propostas desenvolvidas estava a Mesa Temática "Aprendizagens Matemáticas de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas".

Quando propusemos essa mesa temática tínhamos a intenção de garantir um espaço de troca entre professores e estudantes, na busca por pontes entre a matemática escolar e aquelas que as pessoas jovens, adultas e idosas já trazem de sua bagagem de vida. Esta ideia surgiu da angústia de buscar caminhos de diálogo entre a matemática do saber popular e a escolar. Pois, não basta ancorar esta matemática escola em saberes trazidos pelos estudantes, é necessário criar diálogo e entremear os dois, se queremos aquelas e aqueles que estudam na EJA se apropriem dos saberes ditos científicos, como defendem Paulo Freire e Antonio Faundez:

> No meu entender, a primeira coisa que um intelectual progressista deve fazer, se quer juntar-se às massas, é respeitar esse saber e procurar apropriar-se dele. Meter-se nesse saber é, como você dizia, apropriar-se do sentimento, deste sentir, deste atuar das massas, que se manifesta fundamentalmente através da resistência ou das expressões culturais de resistência. Esta apropriação poderá, então, permitir ao intelectual propor seu saber "científico" recebendo, por sua vez, a sensibilidade das massas. E as massas poderiam apropriar-se desse saber

[1] Universidade Federal do Triângulo Mineiro – E-mail: carla.pompeu@uftm.edu.br.
[2] Professora de Matemática na Educação Básica – E-mail: prirsantos@gmail.com.

> científico, não da maneira como é formulado pelo intelectual, mas transformando-o. O saber "científico" transforma-se em científico apenas à medida que ele se apropria do saber popular. E o saber popular se transforma num saber de ação e transformação eficaz quando se apropria, por sua vez, de forma criativa, deste saber "científico" proposto pelo intelectual. (FREIRE, FAUNDEZ, 1998, p. 30).

Além disso, queríamos proporcionar um espaço para que estudantes pudessem falar sobre qual(is) matemática(s) lhes interessa, o que querem aprender e como veem a disciplina e seu aprendizado.

Assim, o objetivo da mesa temática foi promover um espaço de escuta de estudantes da EJA, colocando estas pessoas em posição central. Desta forma, a mesa de debate foi composta por dois estudantes do CIEJA Perus I, sendo um jovem trabalhador, cujo trabalho era na operação de escavadeiras e atuação em obras e uma senhora também trabalhadora que atuava como cozinheira, além de uma professora de matemática de uma outra EJA e uma professora pesquisadora de uma universidade pública.

A dinâmica proposta era o compartilhamento e reconhecimento de saberes produzidos pelos estudantes convidados. Com perguntas disparadoras iniciou-se a mesa a partir da reflexão sobre quais aprendizagens e saberes matemáticos estudantes jovens, adultos e idosos produzem. O estudante jovem apresentou sua dinâmica de trabalho e detalhou que a organização do tempo de trabalho para escavação, por exemplo, requer um saber matemático adquirido ao longo de sua experiência laboral. Ele reconhece sua facilidade nas aulas de matemática mas evidencia que em seu trabalho utiliza de ferramentas matemáticas "próprias", como para mensurar quantas vezes precisará utilizar a escavadeira para a abertura de um buraco de cerca de 10 metros de profundidade, por exemplo. Acerca das relações entre as experiências matemáticas dos alunos e saberes matemáticos escolares, a professora da EJA relata como têm desenvolvido seu trabalho na busca da promoção do reconhecimento dos saberes dos estudantes trabalhadores.

Mais estudantes puderam participar relatando saberes matemáticos a partir de situações de trabalho e, em suas vivências, de que modo esses saberes puderam contribuir com as aulas de matemática. A heterogeneidade das salas de aula da EJA foi um dos pontos de debate

colocados por estudantes, quando evidenciaram que estudantes jovens demonstram mais facilidade com a matemática trabalhada em aula. Ainda que não de modo explícito, o que se expôs neste debate foi que as pessoas jovens que frequentam as turmas de EJA têm maior proximidade com a matemática escolar, o que é reconhecido como maior facilidade em matemática. Promovemos nova discussão sobre qual matemática estas e estes jovens demonstram facilidade. Quais outras matemáticas indivíduos adultos e idosos aprenderam ao longo de suas vidas e que não estão sendo reconhecidas como facilitadoras da aprendizagem.

A participação de professoras do CIEJA Perus I, de outras disciplinas, possibilitou a discussão sobre a relevância da interdisciplinaridade e da necessidade de reconhecermos as diferentes matemáticas no contexto escolar. As aprendizagens de jovens, adultos e idosos estão relacionadas ao modo como estas e estes estudantes significam as matemáticas e as reconhecem como relevantes. E para que esse processo de reconhecimento e validação aconteça é preciso a compreensão de que diferentes matemáticas são produzidas em diferentes contextos, como aquela produzida pelo estudante com o manuseio da escavadeira e a cozinheira nos momentos de produção de suas receitas, por exemplo.

Os debates promovidos ao longo dessa mesa temática tiveram como principal objetivo a conscientização de que, embora exista a hierarquização de saberes na sociedade em que vivemos, as aulas de matemática na EJA precisam ser espaços de construção de trama que tece pontes entre o saber escolar e o popular e, assim, promoção de novas aprendizagens.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1998.